

SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA E MATERIAIS CERÂMICOS DO SÍTIO DA PÓVOA DO MILEU (GUARDA, PORTUGAL)

STRATIGRAPHIC SEQUENCE AND CERAMIC MATERIALS OF THE SETTLEMENT OF PÓVOA DO MILEU (GUARDA, PORTUGAL)

VITOR MANUEL FERNANDES PEREIRA

Câmara Municipal da Guarda

Praça do Município 5A, 6300-035 Guarda

vitor.pereira@mun-guarda.pt

TIAGO PINHEIRO RAMOS

Bolseiro de Doutoramento FCT SFRH/BD/129777/2017.

Instituto de Estudos Medievais – Universidade Nova de Lisboa / Universidad
de Salamanca

Av. de Berna, 26 C | 1069-061 Lisboa

tiagopinheiroamos@gmail.com

Recibido: 01/11/2017

Aceptado: 26/05/2018

RESUMEN: Accidentalmente descubierto en 1951, durante la construcción de la carretera de enlace entre la ciudad histórica y la estación de ferrocarril, el yacimiento arqueológico de Mileu se convirtió rápidamente en uno de los yacimientos arqueológicos más emblemáticos de la Beira Interior. En este artículo, tenemos la intención de presentar los resultados de la investigación que hemos desarrollado en el sitio en los últimos 15 años, destacando el análisis del material cerámico como elemento de datación de las diferentes fases de ocupación de Mileu. Su análisis confirma una secuencia ocupacional desde la primera mitad del siglo I A.D hasta los siglos XII / XIII. Los materiales romanos analizados son principalmente de importación, permitiendo no solo una datación de contextos, sino también comprender su origen, el contexto de su uso o cuestiones relacionadas con las rutas comerciales dentro del Imperio Romano y el cruce del territorio de la Beira Interior. En cuanto a los materiales medievales, de producción local, muestran la continuación de la ocupación del yacimiento en épocas pos-romana.

PALABRAS CLAVE: Beira Interior; cultura material; comercio

ABSTRACT: Accidentally discovered in 1951, during the construction of the link road between the historic city and the railroad station, the archaeological site of Mileu quickly became one of the most emblematic archaeological sites of Beira Interior. In this article we plan to present the results of research that we have developed on the site over the past 15 years, highlighting the analysis of the ceramic material while dating element of the

different occupation phases of Mileu. Their analysis confirms an occupational sequence from the first half of the century A.D. to the XII / XIII centuries. The analyzed Roman materials are primarily imported, allowing not only a dating of contexts, but also how to understand their origin, the context of its use, or issues related to the trade routes within the Roman Empire and crossing the territory of Beira Interior. As for the medieval materials, local production, show the continuation of the occupation site in post-Roman times.

KEYWORDS: Beira Interior, ceramic material, trade

1. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO

O presente artigo irá debruçar-se sobre as escavações arqueológicas que têm decorrido nos últimos anos no sítio histórico da Póvoa do Mileu, localizado a 2 km do núcleo muralhado medieval da cidade da Guarda e atualmente integrado na malha urbana.

Estudos recentes têm demonstrado que, em período romano, o povoamento da região enquadra-se num modelo de ocupação e exploração do território que era comum ao de algumas das vastas regiões contíguas. Nesta malha de povoamento, o local que demonstra um maior número de elementos que o poderiam classificar como um núcleo urbano é o sítio romano da Póvoa do Mileu. Tendo por base a descoberta das respetivas termas, foi inicialmente identificado como uma *uilla* romana. Porém, à luz do que hoje se conhece do sítio, diversos autores têm considerado o Mileu como uma das capitais de *ciuitates* da região do Interior Norte (Perestrelo, 2003; Carvalho, 2005; Osório, 2006).

Com efeito, os dados revelados em escavações recentes confirmam o destaque do sítio do Mileu no amplo território romanizado em que se integra. A imensa quantidade de materiais arqueológicos até ao momento recolhidos e identificados, muitos deles importados e provenientes de distintas origens, de entre os quais se destaca o elevado número de exemplares de *terra sigillata*, sobretudo de origem hispânica, confirmam a importância e o cosmopolitismo do sítio romano do Mileu (Pereira, 2012).

Em 1951, durante a construção da Estrada Nacional de ligação entre a cidade da Guarda e a estação de caminhos-de-ferro da Guarda-Gare, foram postos a descoberto diversos vestígios arqueológicos junto à Capela Românica da Póvoa do Mileu, imediatamente identificados como sendo de período romano.

Tendo os vestígios surgido no âmbito da realização de uma obra de grande importância para a cidade, consideramos de louvar que fossem empreendidos todos os

esforços no sentido de promover a salvaguarda dos mesmos. Esta, desde logo impôs a interrupção dos trabalhos de construção na zona dos vestígios e o contacto com a Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes (então na tutela do Ministério da Educação) na procura de uma solução adequada não só para a continuidade da construção da referida estrada, mas também para a preservação dos inesperados achados.

A relevância das estruturas e dos vestígios arqueológicos detetados e as políticas de proteção e estudo do património arqueológico então vigentes levaram ao início dos trabalhos arqueológicos nesse mesmo ano¹.

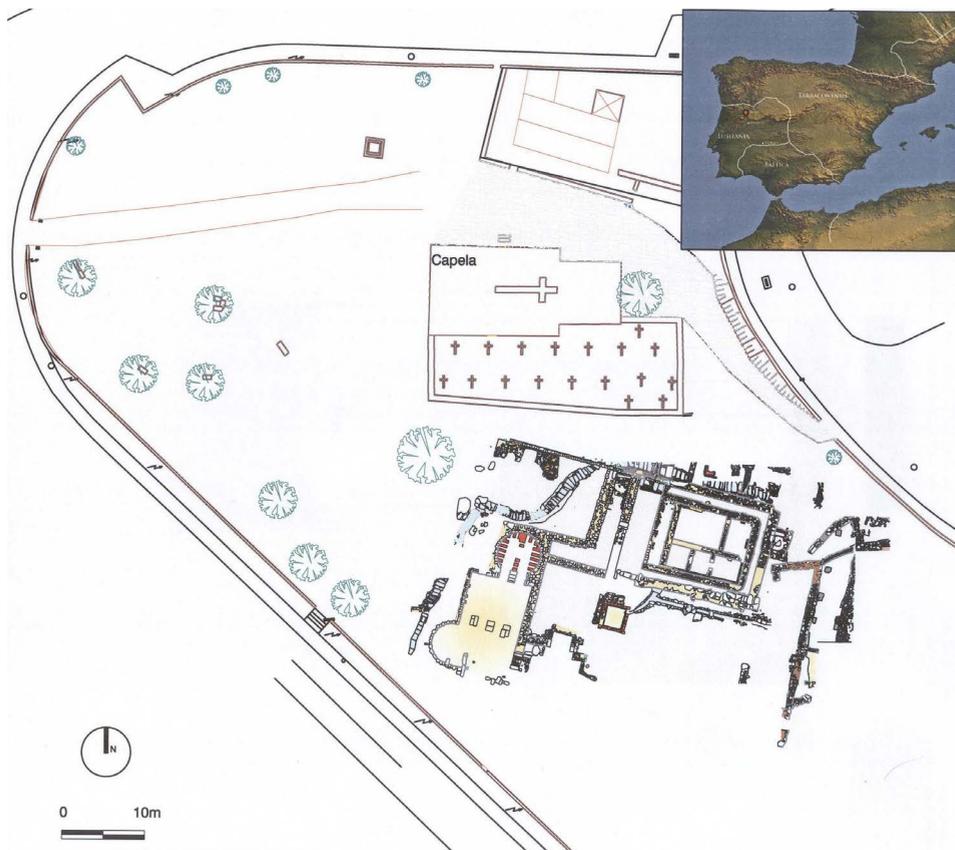


Fig. 1. Planta geral do conjunto histórico da Póvoa do Mileu.

¹ Para mais informações sobre a descoberta e investigação do sítio arqueológico confira-se Pereira, V. (2012).

Todavia, a verdadeira tipologia dos vestígios arqueológicos descobertos em 1951 só viria a ser identificada e fundamentada uma década depois, por Adriano Vasco Rodrigues (1962). Nas décadas seguintes o ilustre investigador estudou este sítio e analisou os materiais arqueológicos descobertos, confirmando a sua proposta inicial, interpretando as estruturas como pertencentes ao *hipocaustum* de um *uilla* romana que, segundo o autor (2001: 58), foi o primeiro identificado em Portugal.

Dois anos depois da descoberta do sítio arqueológico, a intervenção da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais na capela românica do Mileu levou à descoberta, sob o pavimento, do torso de uma estátua romana, de grandes dimensões (DGEMN, 1954). Este torso – atualmente em exposição no Museu da Guarda – possui 1,25m de altura, o que corresponderia aproximadamente a uma altura total de cerca de 2,5m, e representava uma figura com armadura de aparato e manto a condizer, com paralelos nas monumentais estátuas do teatro romano de Mérida.

O conjunto histórico compreende também a capela dedicada a Nossa Senhora do Mileu², cuja construção data já da Idade Média e o edifício insere-se numa derivação provincial do Estilo Românico. De dimensões modestas, apresenta uma estrutura arquitetónica muito simples, sendo constituída por dois corpos contíguos um ao outro: uma capela-mor e uma nave única, ambas de planta retangular, unidas por um arco triunfal de perfil já ogival. Merecem destaque as colunas de sustentação deste arco, cujos capitéis exibem motivos vegetalistas, representações de aves, demónios e uma figura humana. Igualmente dignas de registo são as figurações que decoram a teoria de cachorros que, no exterior da capela, sublinham a cornija superior das duas paredes laterais.

Apesar da sua singeleza, a capela românica da Senhora do Mileu é um exemplar típico da arquitetura religiosa portuguesa da época medieval, na sua vertente paroquial e rural. Como por toda a parte, destaca-se a cobertura apoiada numa estrutura de madeira e, em particular, o uso de blocos graníticos regulares para a edificação dos paramentos, o que proporciona um belo e sólido aparelho, em que se rasgam os típicos portais de acesso.

2. A SEQUÊNCIA OCUPACIONAL

Ao longo de doze anos de escavações arqueológicas neste complexo sítio histórico, talvez um dos mais enigmáticos da Beira Interior, foi possível reunir um

² Cf. fig. 1.

elevado manancial informativo, quer de âmbito cronológico e construtivo³, quer sobre a cultura material, permitindo a recolha de um dos mais diversificados conjuntos artefactuais da região (Pereira, 2012). De facto, uma das primeiras conclusões que poderemos desde já evidenciar prende-se com a existência de distintos conjuntos arquitetónicos, cuja diversificada cultura material nos permite afirmar que seriam também de períodos distintos, denunciando uma sequência ocupacional desde finais da primeira metade do século I d.C. até à Idade Média Plena⁴, época de construção da Capela dedicada a Nossa Senhora do Mileu e de uma albergaria, que as fontes escritas medievais referem (Gomes, 1987: 90).

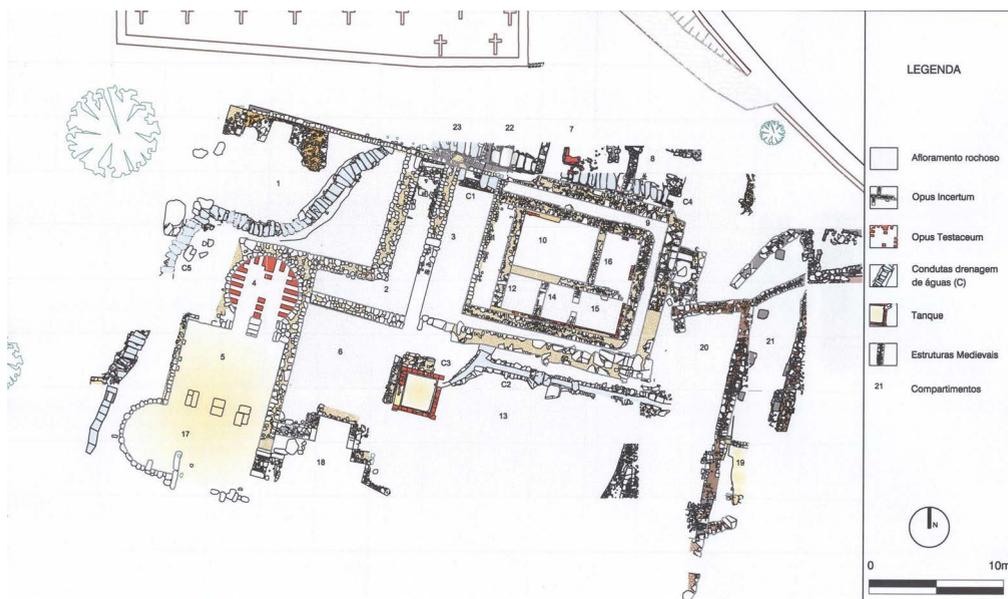


Fig. 2. Planta de estruturas arqueológicas

Apresentam-se em seguida os diversos horizontes culturais que marcaram a ocupação deste sítio arqueológico, estabelecendo a relação entre os edifícios e os espaços escavados, as respetivas sequências estratigráficas e os materiais arqueológicos recolhidos⁵. Assim, definimos quatro horizontes culturais: o horizonte 1 corresponde

³ Cf. fig. 2.

⁴ Refira-se que de momento apenas se encontra realizado o estudo integral dos materiais de período romano, de 2000 a 2008. Assim, para este período destacamos 1000 nmi de *terra sigillata*, 54 nmi de cerâmica de paredes finas, 286 nmi de lucernas, 883 nmi de cerâmica comum, 3 nmi de ânforas e 134 nmi de vidros (Pereira, 2012).

⁵ Ao longo do presente artigo, na análise dos materiais arqueológicos optámos pela metodologia inerente ao Número Mínimo de Indivíduos (NMI), segundo o qual efetuámos a contagem dos fragmentos que permitem uma atribuição formal e tipológica, de acordo com os diferentes fabricos e com as unidades estratigráficas onde surgem (Raux,

à ocupação do Alto Império; seguido de uma ocupação no Baixo Império (horizonte 2); o horizonte 3 é referente ao final da chamada Alta Idade Média (séculos X/XI), prolongando-se a ocupação do sítio até ao século XII / XIII (horizonte 4).

2.1. O período alto-imperial.

Os finais da primeira metade do século I d.C. marcam o início da ocupação do local de implantação do conjunto da Póvoa do Mileu, com a construção do edifício que durante dois séculos serviria como conjunto termal (Edifício A). Apesar de na sua maioria este edifício ter sido escavado nos anos 50 do século XX, aquando da sua descoberta, a intervenção que dirigimos neste sítio arqueológico permitiu-nos identificar uma unidade estratigráfica preservada *in situ*, assente sobre o afloramento rochoso, e que corresponderia à preparação do terreno para a construção, quer com a deposição de terras para nivelamento, quer com a escavação da rocha, para instalação do *hipocaustum* das termas (Pereira, no prelo). Tendo em conta os materiais arqueológicos aí recolhidos, apontamos uma datação de meados do século I d.C. para o início da Fase I, detetando-se um conjunto cerâmico de características muito uniformes, inserido no grupo de cerâmica cinzenta polida de tradição indígena, cuja produção não ultrapassa os meados do século I d.C. (Alarcão, 1974: 62). Teríamos assim 11 NMI, destacando-se neste grupo os potinhos e os potes, pratos e uma tampa, oito dos quais com bordo interno polido, uma das características das peças deste fabrico. Todavia, verifica-se neste grupo o surgimento de uma forma já de tradição romana, os pratos, de parede aberta e arqueada, com bordo em aba descaída. Embora seguindo uma tradição de fabrico ancestral, estas peças evidenciam já a influência da cultura romana⁶.

Ainda desta Fase teríamos um conjunto de exemplares de *terra sigillata* tipo itálico, embora recolhidos em unidades descontextualizadas. É o caso de três indivíduos da forma *Consp. 20*, dois dos quais na sua variante 20.3.2⁷, que surge a partir do ano 10 d.C. e é substituída pela variante 20.4 por volta do ano 30 d.C. (Ettlinger *et al.*, 1990: 86). O conjunto engloba ainda dois exemplares da forma *Consp. 21*, com uma produção desde 10 a.C. a 41 d.C., ou seja, desde Augusto a Tibério/Cláudio, um dos quais da variante 21.3⁸, a mais comum no Mediterrâneo (e consequentemente na Península)⁹. Detetámos ainda um exemplar da forma *Consp. 22*, o n.º 8 (fig. 6), na sua

1998: 12).

⁶ Cf. n.os 1, 2, 3 da fig. 6.

⁷ N.º 6, fig. 6. Semelhantes a um outro proveniente de Conímbriga, o n.º187 (Delgado & Mayet & Alarcão, 1975: 18).

⁸ N.º 5, 6 da fig. 6.

⁹ Destacamos, por exemplo, quatro indivíduos em Monte Mozinho (Carvalho, 1998: 25), sete em Conímbriga (Delgado *et al.*, 1975: 16) e um exemplar em *Petavonium* (Carretero Vaquero, 2000: 346).

variante 22.6, produzida entre a segunda década do século I a.C. e o fim do reinado de Tibério (Ettlinger *et al.*, 1990: 90). Já o n.º 7 (fig. 6) insere-se na forma *Consp.* 32, na variante 32.5, com uma produção desde finais do reinado de Augusto até Tibério ou a época posterior (Ettlinger *et al.*, 1990: 108), enquanto o n.º 9 (fig. 6) foi classificado na forma *Consp.* 33, produzida entre a primeira década do século I d.C. até ao ano 37, na Etrúria e na Campânia (Ettlinger *et al.*, 1990: 110).

O projeto construtivo inicial do complexo termal (Fase I) compreendia os compartimentos assentes sobre *hipocaustum*, mas também uma estrutura de planta circular, possivelmente uma banheira¹⁰, localizada a norte dos primeiros, associada a uma conduta de drenagem das suas águas. Do interior desta conduta, denominada conduta 1, foi-nos possível recolher um conjunto cerâmico muito significativo, datado da segunda metade do século I d.C., mais concretamente de 60 d.C. ao fim da centúria¹¹, período em que esta banheira esteve funcional. Entre os materiais arqueológicos recolhidos destacamos os exemplares de *terra sigillata*, como uma taça Drag. 27b, com características produtivas de La Graufesenque, datada de época neroniana¹². Será ainda de salientar os exemplares de *terra sigillata* produzidos nas oficinas de La Rioja, com características da primeira fase de produção, a fase de imitação dos produtos sudgálicos, nomeadamente as reduzidas dimensões, o lábio destacado e um verniz de excelente qualidade. Disso são exemplo as taças das formas Drag. 27¹³ e Drag. 35, datadas do período flaviano, estas de bordo encurvado afastado da parede, mas de perfil horizontal descendente e com folhas de água. Este conjunto integra ainda exemplares da forma Drag. 29, bem como fragmentos de paredes decoradas com métopas (exibindo cenas de caça), de excelente fabrico, e com uma produção desde 55/60 d.C. até aos Flávios, com maior presença entre 80/85 (Mayet, 1984: 82).

Desta Fase não podemos deixar de evidenciar o surgimento de dois exemplares de *terra sigillata marmorata*¹⁴. Embora recolhidos em contextos descontextualizados, a sua presença é emblemática tendo em conta a escassez de representação nesta região, que em parte se deve ao seu afastamento das grandes rotas que integravam a sua

¹⁰ Tendo em conta que a escavação desta área decorreu nos anos 50 do século XX, e pelo facto da estrutura ter sido desarticulada e destruída na Fase II alto-imperial, não nos é possível conhecer a funcionalidade desta banheira ou o tipo de compartimento onde estava integrada.

¹¹ Como exemplo das unidades estratigráficas identificadas no interior da conduta, salientamos a [9] da quadrícula H11. Para mais informações sobre a quantificação de materiais arqueológicos desta fase confira-se Pereira & Cameijo & Marques, 2015: 72.

¹² N.º 11 da fig. 6.

¹³ Confirmam-se os n.os 13, 14, 15 da fig. 6.

¹⁴ Cf. n.º 10 da fig. 6. A *sigillata* marmoreada foi produzida entre 14 e 80 d.C. nos ateliers de La Graufesenque (Pérez Maestro, 2004: 362), o que levou a uma escassa representação na maioria dos sítios onde foi identificada.

distribuição, mas também à sua produção limitada temporalmente, e o reduzido poder aquisitivo das populações da Península Ibérica nessa época, à exceção de Mérida, o local onde estas peças estão mais bem representadas (Pérez Maestro, 2004: 362).

No conjunto de materiais cerâmicos desta fase não podemos deixar de evidenciar a presença de dois exemplares de cerâmica de paredes finas, nomeadamente um copo da forma Mayet XXXVII¹⁵, de paredes exteriores decoradas com merlões, e com características produtivas das oficinas da Bética, forma produzida desde a época Tibério-claudiana até à década de 80 do século I d.C. (López Mullor, 2008: 369).

Na mesma unidade estratigráfica onde foram encontrados os exemplares de *terra sigillata* acima referidos, destacamos ainda um conjunto lucernário, constituído por 10 indivíduos (nmi), seis dos quais com características produtivas de *Augusta Emerita*, e destes dois com a representação de uma Vitória Alada no disco, sendo o n.º 16 da forma Dr. 11¹⁶.

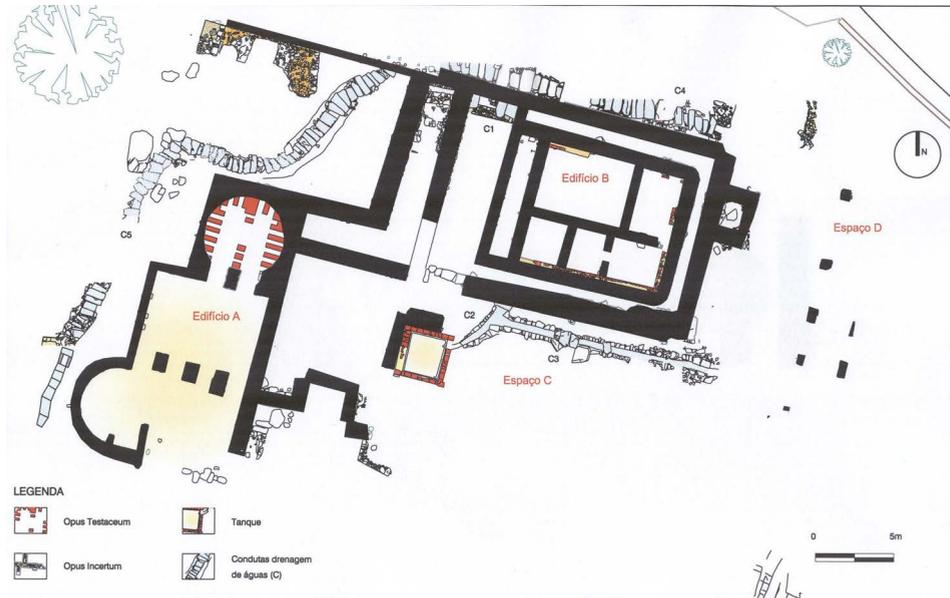


Fig. 3. Estruturas do período Alto imperial

O registo arqueológico das escavações que temos vindo a desenvolver na Póvoa do Mileu permitiu-nos ainda concluir que na transição do século I d.C. para a centúria

¹⁵ Cf. o n.º 17 da fig. 6.

¹⁶ Cf. fig. 6. Neste exemplar do Mileu a divindade encontra-se em posição frontal, sobre o orbis, de pé, figuração semelhante à de um outro exemplar encontrado em Santa Bárbara (Castro Verde; Maia & Maia, 1997: 87, n.º 265) ou a um outro, proveniente de Mérida (Rodríguez Martín, 2002: 306, n.º 81).

seguinte verificaram-se profundas alterações, quer construtivas, quer económicas, que denunciam a monumentalização do sítio romano do Mileu. De facto, nesta Fase II o complexo termal foi profundamente reformulado: foi desativada a estrutura de planta circular e a sua conduta de drenagem de águas, bloqueada com uma das pedras de cobertura, e sobre a qual foi construído o edifício B. Estas alterações arquitetónicas passaram ainda pela construção de uma área ajardinada (Espaço C) junto ao conjunto termal, com um tanque ornamental, bem como uma colunata (Espaço D), estruturas servidas por uma complexa rede de drenagem de águas¹⁷ (Pereira, 2012).

Esta Fase, que tem início ainda em finais do século I d.C., é denunciada pelos materiais arqueológicos detetados, por exemplo, na [15] da quadrícula M9, onde foram recolhidas taças das formas decoradas Drag. 29 (n.º 18, fig. 7) e Drag. 37B (n.º 19, fig. 7), de bordo amendoado, produções que não ultrapassam os finais do século I d.C. Na mesma unidade estratigráfica foram identificados alguns exemplares de cerâmica comum, sobretudo cerâmica cinzenta fina alto-imperial, mas também um potinho¹⁸ com 114mm de diâmetro, de bordo na continuidade da pança, voltado para fora, formando aba arredondada; e um pote¹⁹, com 198mm de diâmetro, de aba alongada horizontal, levemente descaída, de produção local.

A partir da monumentalização do sítio romano do Mileu, o registo arqueológico denuncia também profundas alterações no seu modelo económico, com uma maior participação nas redes de comércio terrestre, que percorriam todo o interior da Lusitânia. Disso são exemplo as inúmeras peças de *terra sigillata* encontradas no sítio, na sua maioria provenientes do maior centro de produção hispânico, La Rioja. Os exemplares detetados apresentam agora perfis tipicamente hispânicos, de maiores dimensões, paredes altas e esvasadas, e vernizes de pior qualidade, como os pratos Drag. 15/17, datados da primeira metade do século II d.C. (Mayet, 1984: 71), mas também as taças Drag. 27, Drag. 35 e Drag. 33 (n.º 24, 25 e 23 da fig. 7, respetivamente), com características que evidenciam produções mais avançadas. Não podemos deixar de referir que neste período aumenta também significativamente a presença de cerâmica cinzenta fina alto-imperial²⁰, certamente muito apreciada pelos habitantes e utilizadores do conjunto termal do Mileu.

¹⁷ Cf. fig. 3.

¹⁸ N.º 20 da fig. 7.

¹⁹ N.º 21 da fig. 7.

²⁰ N.º 26 da fig. 7. Veja-se a presença significativa de materiais desta produção em diversas unidades estratigráficas do Mileu no conjunto ceramológico em Pereira, 2012: 346.

Na conduta 4 foi possível a identificação de um contexto com as características agora evidenciadas, no qual salientamos por entre os materiais arqueológicos um denário, em prata, do Imperador Adriano, datado de 120 d.C., exibindo no anverso cabeça laureada, virada à direita e no reverso a representação de Vitória alada, virada à direita, a segurar um estandarte (Perestrelo & Pereira, 2013).

A utilização destes edifícios e espaços terá ocorrido ao longo de todo o século II d.C., como se encontra atestado pelos materiais arqueológicos cuja produção decorreu até finais desta centúria.

2.2 O período baixo-imperial.

Em finais do século II d.C., após o abandono do sítio romano do Mileu, deixamos de possuir evidências de ocupação deste assentamento. Apenas em meados do século III ou inícios da centúria seguinte o local é novamente ocupado, embora nesta fase apenas tenham sido alvo de construção áreas muito concretas: na colunata e a zona a norte do Edifício B²¹.

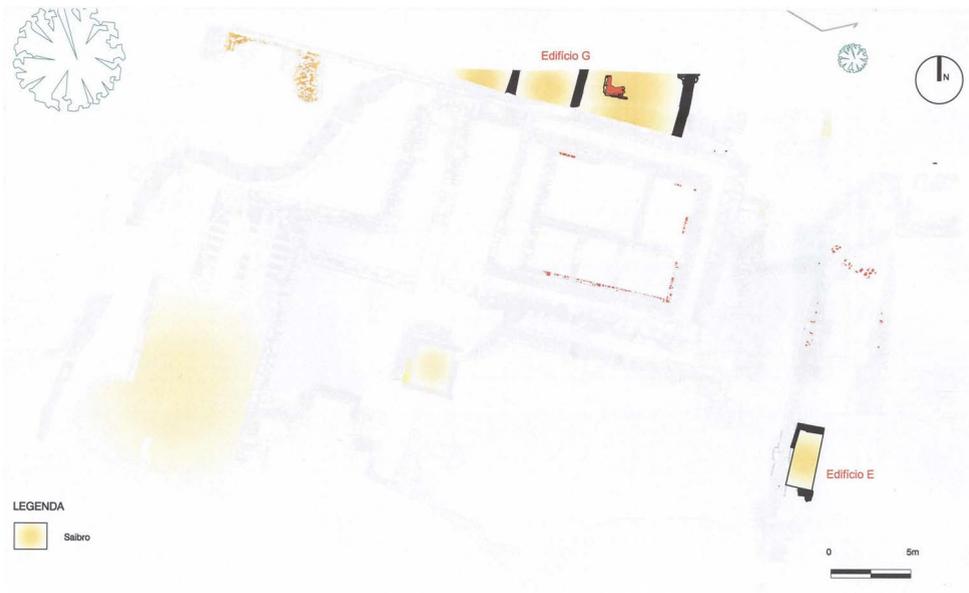


Fig. 4. Estruturas do período Baixo imperial

O Edifício E, do qual apenas nos foi possível recuperar a planta do compartimento 19, corresponde a uma singela construção, assente sobre as estruturas de período anterior,

²¹ Cf. fig. 4.

nomeadamente a colunata alto-imperial, e apresentaria um pavimento em saibro, sobre o qual detetámos fragmentos de *terra sigillata* hispânica tardia (cuja fragmentação não permite uma atribuição tipológica). Assim, poderemos apenas colocar como hipótese tratar-se de uma estrutura do século III d.C./IV, de funcionalidade indeterminada²².

Já o Edifício G, do qual identificámos quatro compartimentos, foi implantado sobre uma conduta de drenagem de águas alto-imperial, a norte do edifício do século II d.C., reaproveitando na construção a fachada norte desta estrutura. O edifício baixo-imperial denuncia, uma vez mais, uma construção singela, tendo como elemento central do compartimento 7 uma lareira, rodeada por um piso de saibro, também existente nos restantes compartimentos identificados.

Relacionado com este horizonte cultural encontrámos outros materiais arqueológicos, descontextualizados e dispersos pelo sítio arqueológico, como os fragmentos de *terra sigillata* norte-africana Clara D, os de cerâmica de cozinha africana (Pereira, 2012: 387), ou os de *terra sigillata* hispânica tardia, encontrando-se representadas as formas lisas Drag. 15/17, Hisp. 5 e Hisp. 6 (n.os 27, 28, 29 da fig. 7, respetivamente), bem como dois exemplares da forma decorada Drag. 37t, num total de 14 exemplares (nmi).

Entre os exemplares da produção de *terra sigillata* norte-africana deste período identificámos, para lá de diversos fragmentos, apenas uma forma, a Hayes 59B (n.º 30 da fig. 7), representada por dois indivíduos, um prato com parede curva, baixa, bordo horizontal ou inclinado, com pequenas caneluras no lábio superior, com engobe fino e mate, apenas presente na superfície interior da peça e no exterior do bordo, com uma produção situada entre 320 d.C. e 415 (Hayes, 1972: 100).

Não podemos deixar de mencionar aqui os exemplares lucernários, inseridos na forma Deneauve XIB (n.os 31 a 34 da fig. 7), embora com algumas reservas devido à pequena dimensão dos fragmentos. Trata-se de um grupo de lucernas já de fins do século III ou de inícios do século IV (Rodríguez Martín, 2002: 42). Dos exemplares do Mileu possuímos apenas a área do disco, geralmente curto, com o orifício de alimentação no centro (que preenche praticamente todo o disco), com uma moldura em relevo, donde partem diversas caneluras.

2.3. O período altomedieval

O estudo do período que baliza o fim do domínio romano e a estabilização do feudalismo – século V a XI - tem sido geralmente descurado pelos historiadores

²² O compartimento 19 foi profundamente arruinado pelas ocupações da Idade Média, verificando-se a sua quase total destruição pela abertura de fundações deste período.

(Martin Viso, 2005b; Tente, 2010). Recentemente têm vindo a ser realizados estudos em territórios limítrofes ao planalto beirão – Alto Mondego (Tente, 2010), região de Viseu (projeto EICAM) – aportando novas luzes para o entendimento deste período. Sobre o território no qual a Póvoa do Mileu se estabelece – planalto beirão – o conhecimento desta época é substancialmente mais diminuto. Ressalvam-se os trabalhos de Mário Barroca (2008-2009) e sobretudo de Iñaki Martin Viso (2005a; 2005b; 2008; 2014). Este último autor tem vindo a estudar este território, englobando-o numa região mais vasta, quer seja o Centro Oeste Peninsular, ou toda a região de Riba-Côa. Todavia a grande maioria dos dados arqueológicos citados são desprovidos de contextos arqueológicos, e proveniente de trabalhos que enfocam outros períodos históricos, nomeadamente a época romana (Perestrelo, 2003; Osório, 2006), e nos quais são indicados materiais ou sítios não enquadráveis nos períodos estudados.

Como já referia Manuel Sabino Perestrelo (2003) não se conheciam vestígios cerâmicos relacionados com este período. Atualmente, o panorama não se alterou muito. Com as devidas reservas, face ao facto de não existirem datações absolutas, poderão ser enquadráveis neste período materiais provenientes de Relengo, no concelho do Sabugal (Osório *et al.*, 2008), dos Castelos Velhos (Osório, 2004), do Jarmelo (Ramos, 2014) e por fim os materiais, em seguida analisados, da Póvoa do Mileu, estes três últimos localizados no concelho da Guarda.

Entre os materiais do Mileu destaca-se uma das peças mais emblemáticas deste período, nomeadamente o n.º 35 (fig. 8), um fragmento de *terra sigillata* Clara D, que classificámos na forma Hayes 99, uma taça de perfil hemisférico, com bordo boleado e espessado, possivelmente inserida na variante C, tendo em conta o perfil do bordo. Esta variante foi datada por Michael Bonifay (2004: 181) de entre o fim do século VI até inícios do século VII²³.

A análise dos materiais cerâmicos altomedievais²⁴ efetuou-se para o Edifício F²⁵. As recentes intervenções arqueológicas neste sector puseram a descoberto estruturas murárias de tipologia e orientação distintas em relação aos edifícios de época romana. Todavia, este sector foi fortemente afetado por processos pós-deposicionais, de origem antrópica, que afetaram em muito a compreensão da estratigrafia.

23 Um dos ateliers principais de fabrico desta forma é o de Oudhna (Bonifay, 2004: 181). O exemplar encontrado no Mileu apresenta semelhanças com os exemplares números 111 e 113 detetados em Conímbriga, (Delgado *et al.*, 1975: 266) ou com um exemplar encontrado na Ammaia (Pereira, 2006).

24 Utilizamos aqui esta definição como o período que medeia os séculos V a XI.

25 Confira-se fig. 5.



Fig. 5. Estruturas da Idade Média Plena

Tratando-se ainda de um estudo embrionário, apenas nos cingimos a um pequeno conjunto cerâmico que pelas suas características tecno-tipológicas podemos enquadrar neste período. Na sua maioria, as produções altomedievais correspondem sobretudo a potes, painéis e jarros. Os grandes recipientes são em menor número, tendo-se apenas reconhecido um alguidar, de base em disco (n.º 50 da fig. 9). Foi também possível o inventário de um testó (n.º 51 da fig. 9).

Embora não exista qualquer peça com perfil completo, a morfologia dos fragmentos de peças reconhecíveis apresentam perfis em S, com bordos arredondados e/ou espessados para o exterior. As pastas são de tonalidade castanho avermelhado ou cinzento claro, com elevada percentagem de elementos não plásticos de pequena e média dimensão (micas, quartzos e feldspatos) e cozeduras reductora-oxidante ou oxidante com arrefecimento reductor. Por outro lado a identificação da técnica de fabrico (manual, torno lento, rápido, ou misto) não foi possível para a maioria das peças. Naquelas que tal tarefa foi exequível, predomina o torno rápido.

São assim poucas as considerações que podemos retirar da análise deste conjunto cerâmico. Desde logo não nos foi possível correlacionar este espólio a qualquer das estruturas postas a descoberto neste sector.

Estabelecer uma baliza cronológica mais restrita é também difícil. Todavia, no nosso entender, poderíamos subdividir este conjunto em dois. Um primeiro subgrupo englobando as peças que recorrem a pastas castanhas avermelhadas e que formalmente pouco diferem da cerâmica comum romana, enquadráveis num período mais recuado da Alta Idade Média²⁶. Um segundo subgrupo, onde se enquadrariam as restantes peças, com pastas acinzentadas, recua a uma fase final da Alta Idade Média, entre os séculos IX-XI. Porém os ainda escassos estudos de cerâmica altomedieval na região do planalto beirão, sobretudo das produções datáveis do período entre os séculos V-VIII, não nos permitem estabelecer paralelos fidedignos. Já para as produções mais tardias, séculos IX-XI, recentes estudos para a região centro de Portugal (Tente, 2010; Tente, 2012; De Man & Tente, 2014), permitem-nos algumas considerações. A unissonância no reportório tipológico, verificada na Póvoa do Mileu, é uma característica comum nas produções altomedievais (Tente *et al.*, 2014). Todavia, ao compararmos, macroscopicamente, as pastas das peças altomedievais de sítios do Alto Mondego, datados dos séculos IX e X por radiocarbono (Tente & Carvalho, 2011; Tente & Carvalho, 2012), com as pastas das peças da Póvoa do Mileu, denotamos que estas últimas são substancialmente diferentes, mais depuradas e com melhores acabamentos. Poderemos estar assim perante produções locais.

Por fim, referir o - até ao momento - único fragmento de alguidar de base em disco. No que concerne ao atual território português, existem diversos sítios arqueológicos onde estes contentores foram recolhidos, embora com uma baliza cronológica lata, entre o século IX a XIV (De Man *et al.*, 2014; Tente *et al.*, 2014). O exemplar da Póvoa do Mileu apresenta uma menor espessura da parede e da base, assim como uma tonalidade cinzenta escura, indício de uma cozedura redutora. É assim substancialmente diferente daqueles provenientes de sítios do Alto Mondego atribuídos aos séculos IX e X (Tente, 2012; Tente *et al.* 2014). Tais características poderão evidenciar uma cronologia mais tardia para os exemplares do Mileu, podendo entrar na fase de transição para a Plena Idade Média.

2.4. O período Pleno Medieval

Referente ao período Pleno Medieval, face à existência de uma maior abundância de fontes escritas, a historiografia tem vindo - ao longo do tempo - a produzir estudos tanto sobre a cidade da Guarda (Gomes, 1987) como sobre o planalto beirão (Gomes, 1998; Barroca, 2008-2009). Todavia, e pese o facto das numerosas intervenções arqueológicas realizadas em centros históricos de cidades e vilas cuja fundação recua

²⁶ Nomeadamente os n.os 36, 43, 45, 46, 48, 49, 52 e 53, figuras 8 e 9.

a este período, os estudos sobre cerâmica medieval não abundam. Ressalvamos a investigação sobre a torre velha da Guarda (Pereira *et al.*, 2008) ou sobre o Castro do Jarmelo (Ramos, 2014). Porém, para nenhum dos sítios possuímos datações absolutas, tendo as cerâmicas sido classificadas através de paralelismo, nomeadamente com Santa Cruz de Vilariça (Rodrigues, 1994).

Sobre a Póvoa do Mileu, e como anteriormente referido, para além da ainda existente igreja românica, salientamos a menção a uma albergaria medieval (Gomes, 1987: 90), e a referência desta póvoa em época medieval (Gomes, 1981). Por outro lado, as recentes intervenções arqueológicas puseram a descoberto um conjunto de estruturas que consideramos como pertencentes ao período medieval. Aliada a estas, quer em contextos de utilização dos espaços como nas valas de fundação dos muros, foi possível a exumação de um reduzido conjunto de artefactos cerâmicos com a mesma cronologia.

Este pequeno conjunto cerâmico é constituído por panelas/potes e jarros. Foram ainda reconhecidas asas puncionadas, com o mesmo horizonte cronológico. Embora não tenha sido reconhecível um perfil completo, as peças estudadas apresentam perfil em S, com bordos arredondados e canelura no exterior. As pastas, de cor castanha escura e/ou preta, apresentam uma percentagem média de elementos não plásticos (micas e quartzos) de pequena dimensão. As cozeduras são predominantemente redutoras, e a técnica de fabrico empregue foi o torno rápido.

Atribuímos estas peças a uma cronologia balizada entre os séculos XII e XIII, com paralelos tanto na própria cidade da Guarda, na torre velha (Pereira *et al.*, 2008) como no Castro do Jarmelo (Ramos, 2014). São já produções vinculadas à expansão senhorial, que vem influir alterações fundamentais no fabrico, como a standardização das formas e a especialização dos artesãos (Tente *et al.*, 2014).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados que possuímos atualmente sobre o conjunto histórico da Póvoa do Mileu têm por base a investigação arqueológica que temos vindo a desenvolver no sítio. Apesar da escavação da estação arqueológica estar longe de concluída, tem sido possível estabelecer algumas considerações relevantes sobre as diferentes fases de ocupação, os edifícios dos diversos horizontes cronológicos e sobretudo da cultura material. Para o período Alto imperial, o melhor conhecido e estudado, não deixa de ser significativa uma presença maioritária de *terra sigillata* sobre as restantes produções

cerâmicas. Verificámos que no conjunto de materiais, mesmo no caso da cerâmica comum, existe um número muito elevado de cerâmica do serviço de mesa. Todavia, não nos podemos esquecer que as escavações de 2000 a 2006 se cingiram praticamente a uma zona específica do sítio arqueológico, o edifício termal. De facto, tratando-se de um conjunto maioritariamente proveniente do espaço das termas, sobretudo das condutas de drenagem de águas, ficamos com uma ideia genérica do tipo de materiais que aí seriam utilizados. Ou seja, nos consumos correntes do complexo termal seriam utilizados materiais muito distintos dos de ambientes habitacionais e residenciais. O uso daqueles materiais, compreendidos no que poderemos designar de cerâmica fina, é testemunhado não só pelos exemplares de *terra sigillata*, onde se destacam as formas relacionadas com a ingestão de bebida, com as formas Drag. 27 e Drag. 35, muitas de pequenas dimensões, mas também com a presença de exemplares da forma Mayet XXXVII de cerâmica de paredes finas, que teria também funções de ingestão de líquidos. Neste grupo integram-se também os exemplares de púcaros, copos e potinhos de cerâmica cinzenta fina polida alto-imperial.

Nos últimos anos de investigação do sítio temos incidido na análise e estudo dos horizontes culturais pós-romanos, visando conhecer melhor esta realidade. Com efeito, torna-se cada vez mais evidente que este núcleo de povoamento corresponderia às origens da Cidade medieval da Guarda, que agora urge conhecer e divulgar.

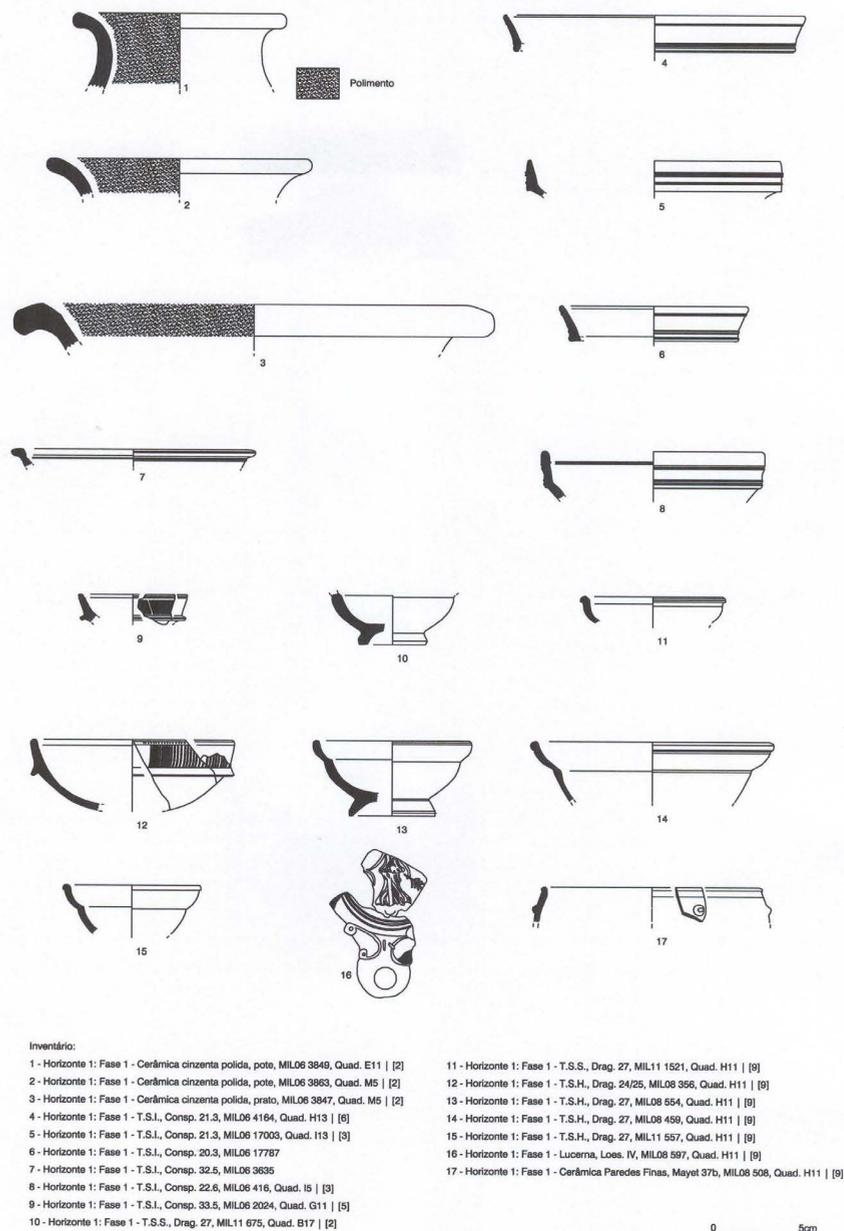


Fig. 6. Materiais arqueológicos do Alto império

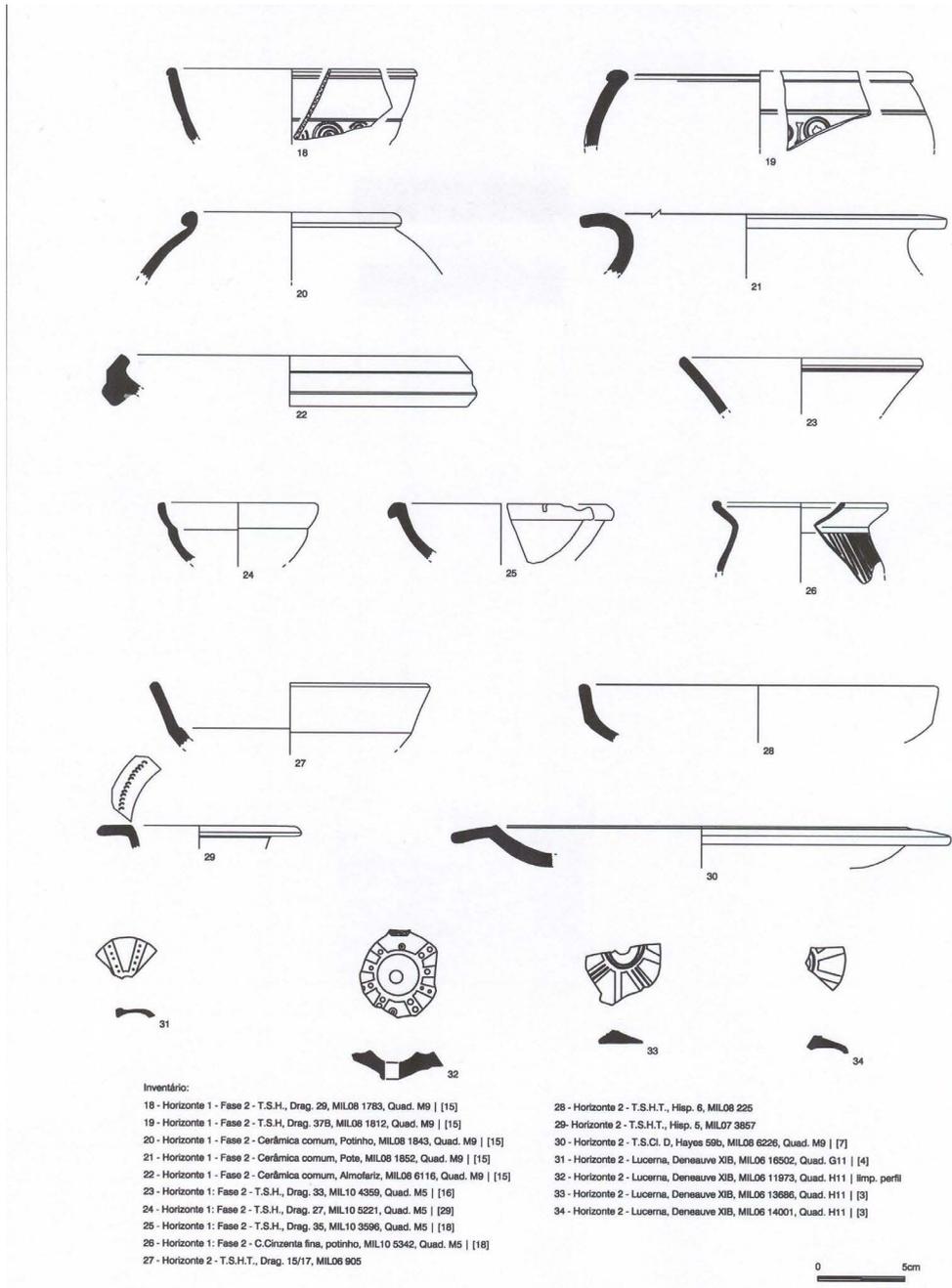


Fig. 7. Materiais arqueológicos do Alto império e Baixo império

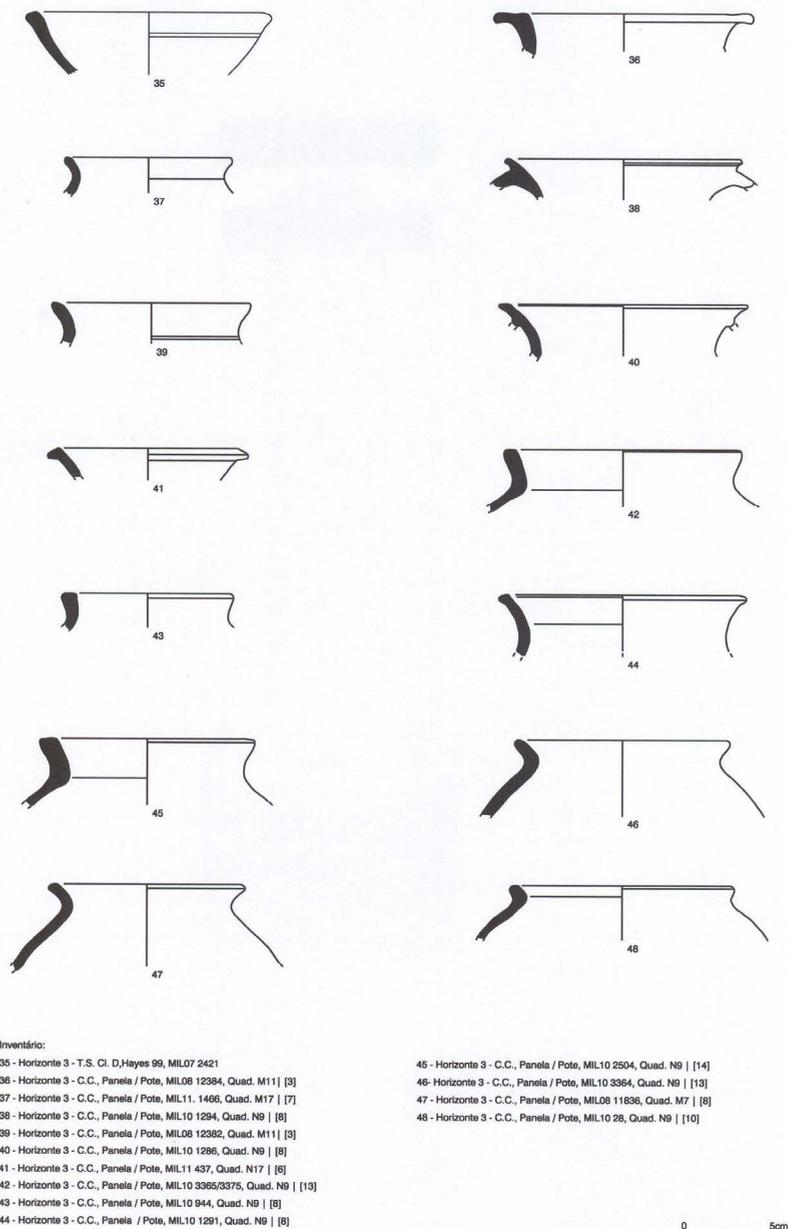


Fig. 8. Materiais arqueológicos da Alta Idade Média

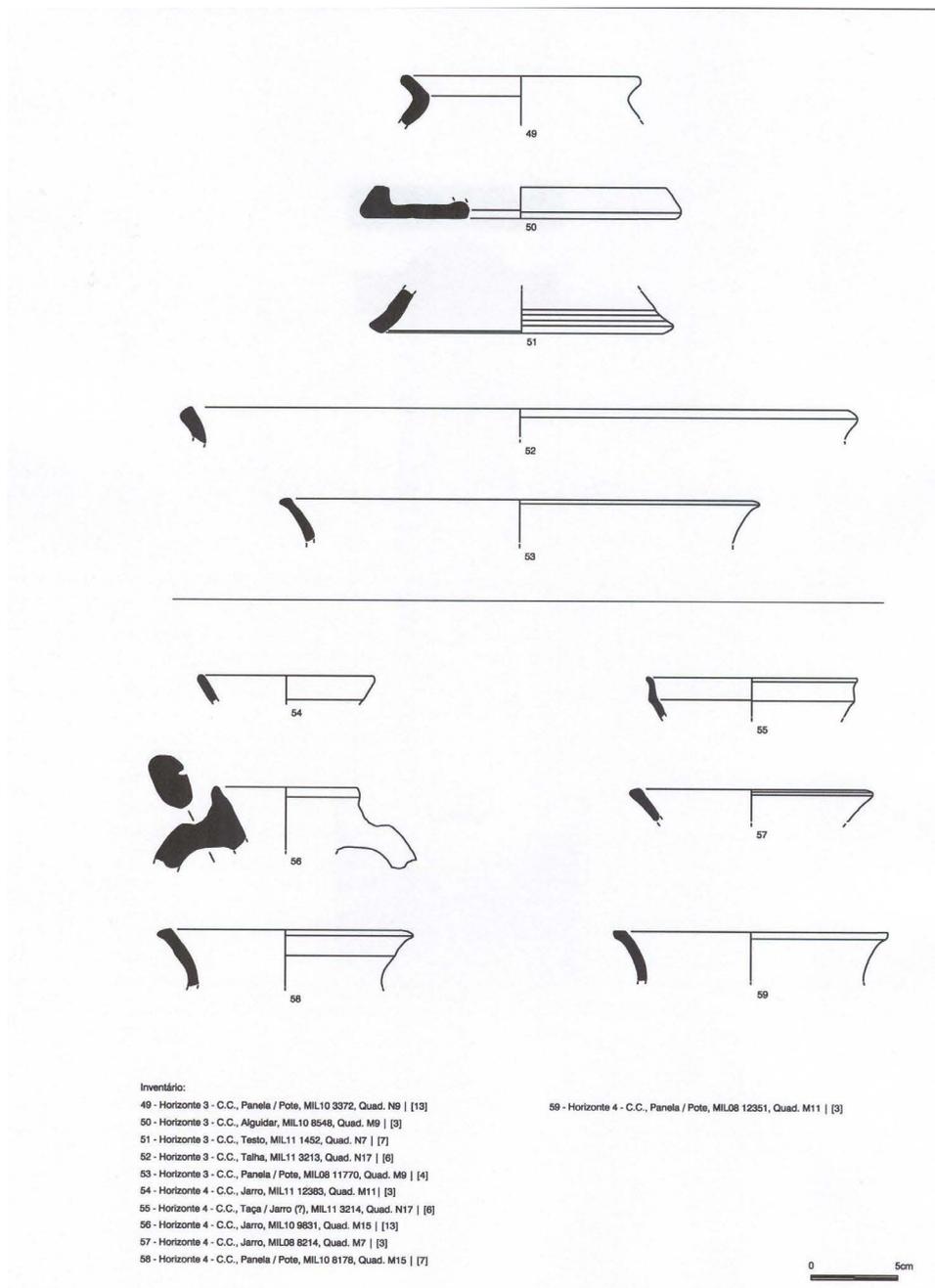


Fig. 9. Materiais arqueológicos da Alta Idade Média e da Idade Média Plena

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1974). *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- BARROCA, M. J. (2008-2009). “De Miranda do Douro ao Sabugal: arquitectura militar e testemunhos arqueológicos medievais num espaço de fronteira”. *Portugália*. Nova Série, vol. XXIX-XXX, pp. 193-252.
- BONIFAY, M. (2004). “Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique”. *BAR International series*, 1302.
- CARRETERO VAQUERO, S. (2000). *El campamiento romano del Ala II Flavia en Rosinos de Vidriales (Zamora). La cerámica*. Zamora: Universidad de Valladolid.
- CARVALHO, T (1998). *A terra sigillata de Monte Mozinho. (Contributo para a história económica do povoado)*. Penafiel: Museu Municipal de Penafiel.
- CARVALHO, P. (2005). “Identificação e representação espacial das capitais de civitates da Beira Interior”. En *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia* (Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior). Guarda: Centro de Estudos Ibéricos/ARA, pp. 155-170.
- DE MAN, A. & TENTE, C. (2014). *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal, séculos IX a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais.
- DE MAN, A.; CORREIA, V.; LOVEGROVE, S. & ANDRADE, F. (2014): “Cerâmica medieval de Conimbriga”. En *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal, séculos IX a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 57-67.
- DELGADO, M.; MAYET, F. & ALARCÃO, A. (1975). *Les sigillées. Fouilles de Conimbriga*. Paris: Diffusion E. de Boccard, IV.
- DGEMN (1954). “Capela de Nossa Senhora do Mileu”. En *Boletim da DGEMN*. Porto, 78.
- ETTLINGER, E.; Herdinger, B.; Hoffman, B.; Kenrick, P.M.; Pucci, G.; Roth-Rubi, K.; Schneider, G.; von Schnurbein, S.; Wells, C.M. & Zabehlicky-Scheffenegger, S. (1990). *Conspectus formarum Terrae Sigillatae italico modo confectae*. Materialien zur römisch-germanischen Keramik 10. Bonn: R. Halbelt.
- GOMES, J. P. (1981). *História da Diocese da Guarda*. Braga: Pax.
- GOMES, P. D. (1998). “Centros de povoamento: um percurso pelas Vilas medievais”. En *Terras do Côa, da Malcata ao Reboredo*. Maia: Estrela-Côa, pp. 59-63.
- GOMES, R. C. (1987). *A Guarda medieval (1200-1500)*, Lisboa: Sá da Costa, 9 (Revista de História Económica e Social. 9-10).
- HAYES, J. W. (1972). *Late Roman pottery*. London: The British School at Rome.
- LÓPEZ MULLOR, A. (2008). “Las cerámicas de paredes finas en la fachada mediterránea de la Península Ibérica y las Islas Baleares”. En Casasola, D. B. y Lacomba, A. R. (eds.). *Cerámicas Hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, pp. 343-384.

- MAIA, G. P. & MAIA, M. (1997). *Lucernas de Santa Bárbara*. Castro Verde: Núcleo de Arqueologia da Cortiçol.
- MARTÍN VISO, I. (2005a). *En la periferia del sistema: Riba Côa entre la antigüedad tardía y la alta edad media (siglos VI-XI)*. En Jacinto, R. y Bento, V.(coords.). I Conferencias Territórios e Culturas Ibéricas (Guarda, 2-3 de diciembre de 2004). Porto: CEI. <http://www.cei.pt/pdfdocs/En%20la%20periferia.pdf> [Consultado: 30-8-2016].
- MARTÍN VISO, I. (2005b). “Una frontera casi invisible: los territorios al norte del sistema central en la Alta Edad Media (siglos VIII-IX)”. *Studia Histórica: História Medieval*, 23, pp. 89-114.
- MARTÍN VISO, I. (2008). “Una periferia creativa: la articulación del territorio en la comarca de Riba Côa (Portugal) (siglos VI-XI)”. *Territorio, Sociedad y Poder. Revista de Estudios Medievales*, 3, pp. 85-109.
- MARTÍN VISO, I. (2014). “Castella y Elites en el Suroeste de la Meseta del Duero Postromana”. En Catalán, R.; Fuentes, P.; Sastre, J. C. (coord.). *Las Fortificaciones en la Tardoantigüedad. Élités y articulación del territorio (siglos V- VIII d.C.)*. Madrid: Glyphos Publicaciones, pp. 247-274.
- MAYET, F. (1984). *Les Céramiques Sigillées Hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire romain*. Paris: Dif. de Boccard.
- OSÓRIO, M. (2004). “Novos contributos para o estudo dos Castelos Velhos (Guarda)”. *Praça Velha*, 15, pp. 5-15.
- OSÓRIO, M. (2006). *O Povoamento romano do alto Côa*. Guarda: Câmara Municipal da Guarda (*Territoria*: 1).
- OSÓRIO, M.; SILVA, R. C. da; NEVES, D. & PERNADAS, P. (2008). “O Casal Romano do Relengo (Barragem do Sabugal). Elementos para o estudo do povoamento romano e tardo-romano no Vale do Côa”. En Sampaio, J. D. de y Aubry, T. (coord.). *Actas do Fórum Valorização e Promoção do Património Regional. Volume 3: Estudos sobre a História da Ocupação Humana em Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*. Freixo de Numão: Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão, pp. 98-115.
- PEREIRA, V. (2006). *Terra Sigillata em três locais da Lusitania: Ammaia, Idanha, Mileu*. Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado).
- PEREIRA, V. (2012). *O sítio romano da Póvoa do Mileu (Guarda). Povoamento, Estruturas e Materiais Arqueológicos de uma pequena ciuitas localizada nos confins ocidentais do Império Romano*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado).
- PEREIRA, V. (2016). “O conjunto termal do sítio romano da Póvoa do Mileu (Guarda)”. *Praça Velha*, 36, pp. 163-182.
- PEREIRA, V.; CAMEIJO, A.; MARQUES, A. (2008). “Arqueologia no Centro Histórico da Guarda: resultados da intervenção do Torreão”. En *Actas do Encontro de Arqueologia e Autarquias*, Cascais: Câmara Municipal, pp. 265-292.

- PEREIRA, V.; CAMEIJO, A. & MARQUES, A. (2015). “Contextos e materiais arqueológicos do sítio romano da Póvoa do Mileu (Guarda)”. En Quaresma, J. C. y Marques, J. A. (coords.). *Contextos Estratigráficos na Lusitânia (do Alto Império à Antiguidade Tardia)*. Lisboa: AAP, pp. 69-84 (Monografias AAP, 1).
- PERESTRELO, M. S. (2003). *A romanização na bacia do rio Côa*. [s.l.]: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- PERESTRELO, M. & PEREIRA, V. (2013). *Aspetos da romanização das terras beirãs de entre o Tejo e Douro. Catálogo de exposição*. Celorico da Beira: Câmara Municipal de Celorico da Beira.
- PÉREZ MAESTRO, C. (2004). “Análisis de la terra sigillata marmorata documentada en un vertedero de época Altoimperial en Augusta Emerita”. *Memoria*, 7, pp. 361-367.
- RAMOS, T. (2014). *O Castro do Jarmelo em época medieval: contributo da arqueologia para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- RAUX, S. (1998). “Méthodes de quantification du mobilier céramique. État de la question et pistes de réflexion”. En *La quantification des céramiques, conditions et Protocole*. Mont Beuvray, pp. 37-46 (Collection Bibacte, 2).
- RODRIGUES, A. V. (1962). “Elementos para o estudo da romanização nos Montes Herminios”. *Sep. Lucerna*, II, ½, pp. 5-16.
- RODRIGUES, A. V. (2001). “Há cinquenta anos foram descobertos os testemunhos arqueológicos do Mileu mas persistem as interrogações...”. *Praça Velha*, 10, pp. 57-62.
- RODRIGUES, M. (1994). *Cerâmicas medievais da região de Moncorvo: séc. XII/XIII*. Dissertação de mestrado, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada).
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G. (2002). *Lucernas romanas del Museo Nacional de Arte Romano (Mérida)*. *Monografías Emeritenses*, 7.
- TENTE, C. (2010). *Arqueologia medieval cristã no Alto Mondego. Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- TENTE, C.; CARVALHO, A. F. (2011). “The establishment of radiocarbon chronologies for early medieval sites: a case study from the upper Mondego Valley (Guarda, Portugal)”. *Munibe*, 62, pp. 461-468.
- TENTE, C. & CARVALHO, A. F. (2012). “Pottery manufacture and absolute chronology in the high Mondego basin (centre of Portugal) during the Early Middle Ages”. En *IX Congresso Internazionale Association Internazionale pour l'Étude de Céramique Médiévales Méditerranées*. Veneza: Edizioni All'Insegna del Giglio, pp. 363-364.
- TENTE, C.; LANTES, O. & PRIETO, P. (2014). “Produção cerâmica nos séculos IX a XI na região do Alto Mondego (Portugal)”. En *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal, séculos IX a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 109-139.